

IMPACTOS DA GUERRA NO ORIENTE MÉDIO SOBRE O AGRO BRASILEIRO

*Entraves logísticos e energéticos podem afetar o acesso aos mercados
do Oriente Médio e aumentar os custos de produção do setor*

Bruno Capuzzi¹
Leandro Gilio²
Renato L. Falcao³
Tarcísio Azevedo⁴
Marcos Sawaya Jank⁵

SUMÁRIO EXECUTIVO

- O Oriente Médio é um mercado relevante para o agronegócio brasileiro, tendo absorvido exportações de US\$ 12,4 bilhões em 2025, sendo o Irã o principal destino (USD 2,9 bilhões, 1,7% do total exportado pelo Brasil). Em cadeias específicas, a dependência é elevada, como milho, frango, açúcar e carne bovina;
- O Irã foi o principal destino do milho brasileiro em 2025 (22% do volume total exportado pelo Brasil) o que evidencia a exposição comercial de determinadas cadeias a eventuais disrupções prolongadas na região;
- O Oriente Médio é origem de 15,6% dos fertilizantes nitrogenados importados pelo Brasil;
- A instabilidade nos estreitos de Ormuz e Bab el-Mandeb eleva o risco de rupturas logísticas e de um choque de oferta com potencial impacto sobre comércio, energia e cadeias produtivas globais;
- No curto prazo, a magnitude dos impactos dependerá da evolução do conflito e da manutenção do fluxo de cargas nos principais corredores marítimos.

Na madrugada de 28 de fevereiro de 2026, Estados Unidos e Israel lançaram ataques coordenados contra múltiplos alvos no Irã, incluindo instalações militares, sistemas de mísseis, centros de comando e lideranças estratégicas. O Irã respondeu com ofensivas contra bases americanas no Oriente Médio. A rápida escalada desses eventos deslocou o eixo da análise para além da dissuasão militar, ampliando o debate para os riscos de potenciais efeitos econômicos e sistêmicos associados ao conflito.

¹ Pesquisador do Insper Agro Global

² Professor pesquisador do Insper Agro Global

³ Assistente de pesquisa do Insper Agro Global

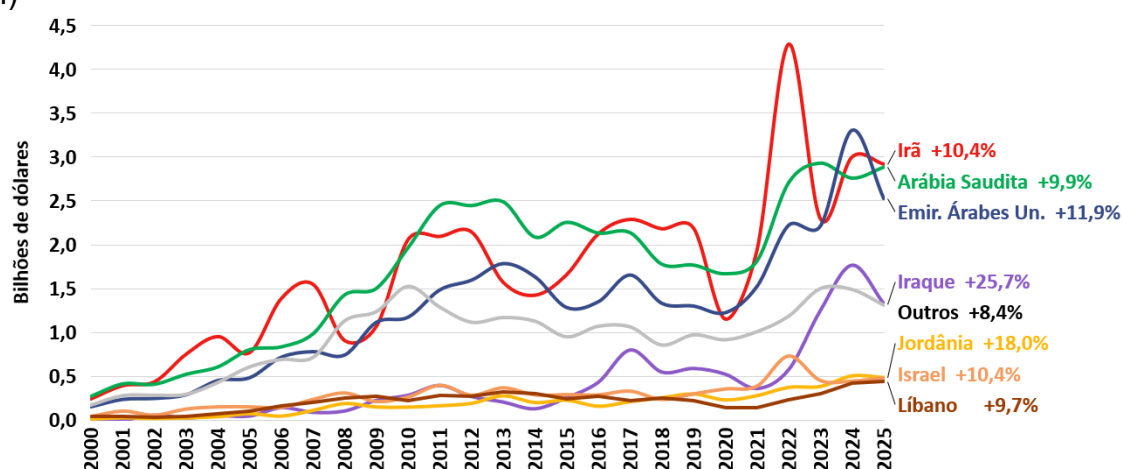
⁴ Assistente de pesquisa do Insper Agro Global

⁵ Professor de Agronegócio do Insper e Coordenador do Insper Agro Global

Para o agronegócio brasileiro, a preocupação imediata com a eclosão do conflito suscita preocupações imediatas quanto à possível interrupção dos fluxos comerciais com países da região potencialmente afetados.

Em 2025, o Brasil exportou 12,4 bilhões de dólares em produtos agrícolas para países do Oriente Médio da região em conflito⁶, com crescimento médio anual de 49% desde 2000. O Irã respondeu por 23,6% desse total exportado, sendo o principal destino brasileiro na região neste ano, com US\$2,9 bilhões, seguido por Arábia Saudita (23,3%) e Emirados Árabes Unidos (20,4%). No agregado, a região representou 7,4% das exportações brasileiras em 2025, com pauta concentrada em carne de frango, milho, açúcar, carne bovina e soja.

Figura 1. Exportações do agronegócio brasileiro para o Oriente Médio¹, em bilhões de dólares correntes (Total Oriente Médio: US\$ 12,4 bi e 7,4% da exportação total do Brasil)



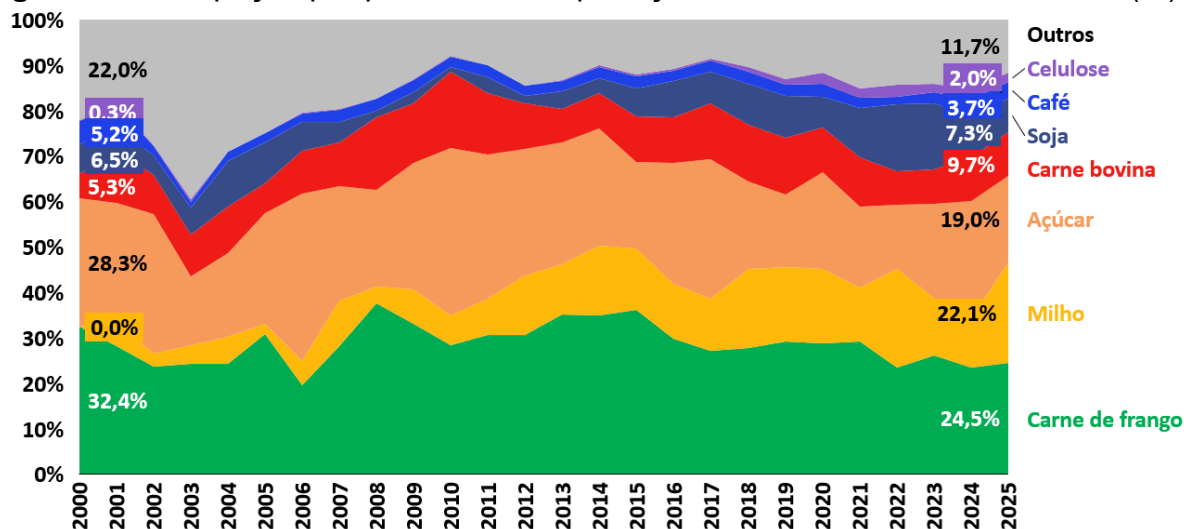
Fonte: Elaborado por Insper Agro Global com base em dados do Trade Data Monitor (2026)

¹ Países considerados: Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Irã, Iraque, Jordânia, Líbano, Bahrein, Catar, Chipre, Kuwait, Israel, Omã, Iêmen, Palestina e Síria.

Mais relevante que o valor agregado é a dependência setorial. Em determinadas cadeias, a região não é apenas destino complementar, mas componente estrutural do escoamento da produção. O Oriente Médio absorveu 29% das exportações brasileiras de carne de frango, equivalentes a 1,5 milhão de toneladas. Nesse mercado, destaca-se que o Brasil é o maior produtor e exportador mundial de carne halal, atendendo a rígidos padrões islâmicos de produção e tendo a região como principal destino.

Também são relevantes as participações de 31,5% no milho, com 12,9 milhões de toneladas, 17% no açúcar, com 5,8 milhões de toneladas, e 6,5% da carne bovina, com 220 mil toneladas.

Figura 2. Participação por produto nas exportações brasileiras o Oriente Médio¹ (%)

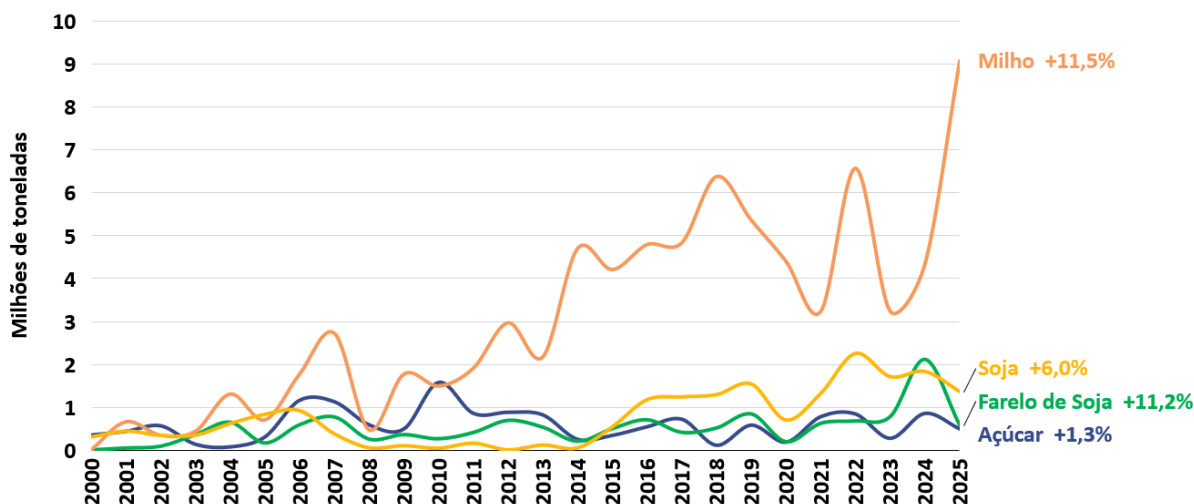


Fonte: Elaborado por Insper Agro Global com base em dados do Trade Data Monitor (2026)

¹ Países considerados: Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Irã, Iraque, Jordânia, Líbano, Bahrein, Catar, Chipre, Kuwait, Israel, Omã, Iêmen, Palestina e Síria.

O Irã foi o principal comprador do milho brasileiro em 2025, com 9 milhões de toneladas, o equivalente a 22% do volume total exportado pelo Brasil dessa commodity. Também se destacaram como destinos relevantes o Egito, com 19% do volume exportado, o Vietnã, com 10%, e a Arábia Saudita, com 5%. As compras iranianas, contudo, apresentam elevada volatilidade. O volume registrado em 2025 ficou significativamente acima da média histórica de cerca de 5 milhões de toneladas observada na última década.

Figura 3. Exportações do agronegócio brasileiro para o Irã, por produto, em milhões de toneladas

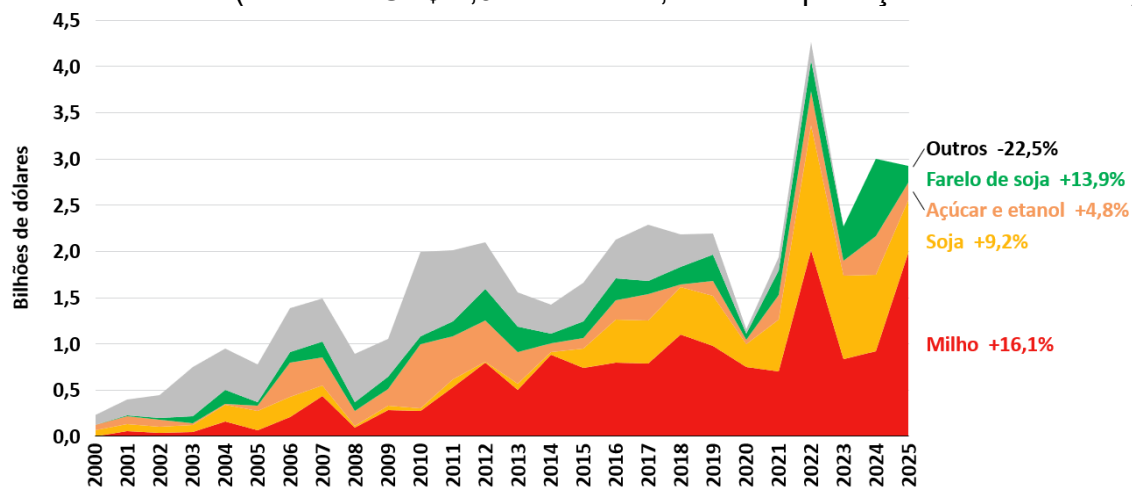


Fonte: Elaborado por Insper Agro Global com base em dados do Trade Data Monitor (2026)

O mercado de milho brasileiro permanece majoritariamente voltado ao consumo doméstico, que absorve mais de 70% da produção. Ainda assim, o canal exportador tem ganhado relevância como alternativa de escoamento. Nesse contexto, uma eventual disrupção prolongada nos destinos da região pode gerar riscos comerciais relevantes. No caso de outras commodities, a exposição é menor: soja, com 1,3

milhão de toneladas, e açúcar, com 499 mil toneladas, representaram apenas 1,3% e 1,5% das exportações totais desses produtos, respectivamente.

Figura 4. Exportações do agronegócio brasileiro para o Irã, por produto, em bilhões de dólares correntes (Total Irã: US\$ 2,9 bilhões e 1,7% da exportação total do Brasil)



Fonte: Elaborado por Insper Agro Global com base em dados do Trade Data Monitor (2026)

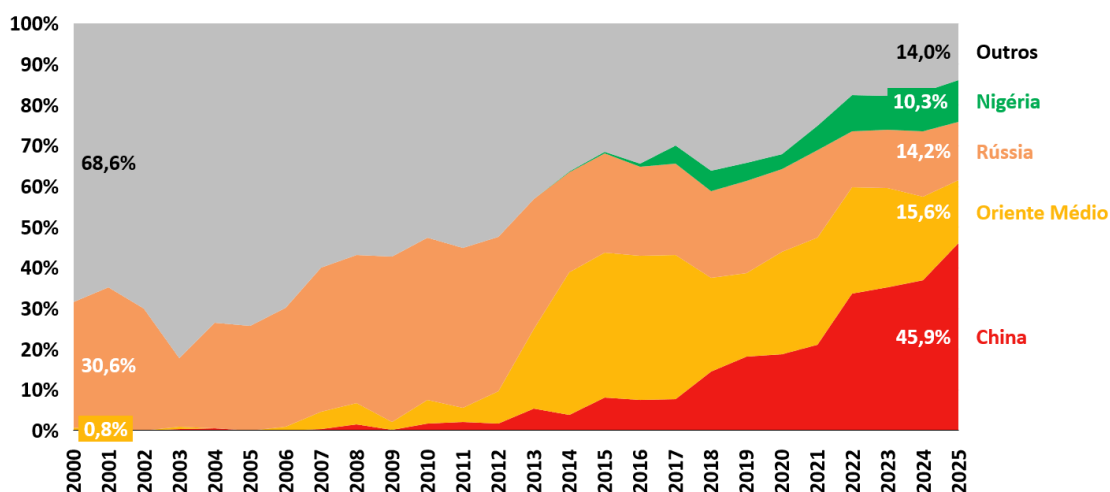
Com o conflito, dois gargalos logísticos centrais para o comércio internacional passaram a concentrar elevada incerteza: o estreito de Ormuz, responsável por cerca de 20% do fluxo global de petróleo e gás natural; e Bab el-Mandeb, eixo de acesso ao Canal de Suez e rota essencial para o transporte de contêineres e bens de consumo entre Ásia e Europa. A instabilidade nessas passagens e nos fornecedores de produtos da região eleva o risco de um choque de oferta com alcance global, com potenciais repercussões relevantes para as cadeias do agronegócio brasileiro.

Um primeiro canal de transmissão ocorre via mercado de fertilizantes, especialmente os nitrogenados. Segundo dados compilados pelo Rabobank⁷, aproximadamente 45% das exportações globais de ureia transitam direta ou indiretamente por rotas associadas ao Golfo Pérsico, além da grande importância dos países do Oriente Médio no fornecimento desse produto. Cerca de 25% da amônia, 20% do di-amônio fosfato (DAP), 10% do monoamônio fosfato (MAP) e quase 30% do enxofre global circulam por essas vias marítimas, o que reforça o papel estratégico da região para a segurança alimentar mundial.

O mercado brasileiro de fertilizantes nitrogenados apresenta elevada concentração de fornecedores. Em 2025, o Oriente Médio, como região, representou 15,6% das compras totais desse produto, enquanto China, Rússia e Nigéria, conjuntamente, responderam por 70,4% do volume importado pelo Brasil.

Figura 5. Importação brasileira de fertilizantes nitrogenados², por origem, em porcentagem do volume total

⁷ Estudo disponível em: <https://www.rabobank.com/knowledge/q011483935-what-a-closure-of-the-strait-of-hormuz-could-mean-for-global-fertilizers>



Fonte: Elaborado por Insper Agro Global com base em dados do Trade Data Monitor (2026).

² Produtos da posição SH 3201

Um segundo canal de transmissão opera por meio dos preços do petróleo. Conflitos na região tendem a incorporar um prêmio de risco às cotações internacionais da commodity, pressionando tanto os custos de combustíveis quanto a formação de preços de fertilizantes nitrogenados, cuja produção é dependente de petróleo e, sobretudo, gás natural. Esse encadeamento reforça a sensibilidade da estrutura de custos agrícolas a choques energéticos de origem geopolítica.

Além disso, os custos logísticos são afetados por desvios de rota, elevação da percepção de risco com aumento dos prêmios de seguro no transporte marítimo, com impactos diretos sobre o comércio. O resultado é a ampliação das despesas operacionais ao longo da cadeia. Em conjunto, essas pressões tendem a comprimir margens e reduzir a competitividade do agronegócio brasileiro, em um contexto no qual produtores e empresas já enfrentam margens mais estreitas, custos e juros elevados e restrições de financiamento.

Conclusão

A escalada do conflito no Oriente Médio adiciona um novo vetor de incerteza ao ambiente econômico internacional. Embora ainda seja incerto o grau de duração e intensidade das tensões, a instabilidade em rotas logísticas estratégicas e em mercados energéticos tende a repercutir rapidamente sobre cadeias globais de produção e comércio. Para o agronegócio brasileiro, os efeitos mais relevantes devem ocorrer por meio de custos de insumos, transporte e energia, além de possível instabilidade em mercados relevantes da região.

No curto prazo, a magnitude dos impactos dependerá da evolução do conflito e da manutenção do fluxo de cargas nos principais corredores marítimos. Essas incertezas podem afetar inclusive exportações destinadas a outros mercados, uma vez que a região funciona como ponto de abastecimento para navios brasileiros em rotas com destino à Ásia. Uma normalização relativamente rápida tende a limitar os efeitos a episódios de volatilidade em preços e fretes. Por outro lado, um cenário de prolongamento das tensões pode intensificar pressões sobre fertilizantes, logística e custos operacionais, com reflexos sobre margens e decisões de produção.

O agronegócio brasileiro tem demonstrado dinamismo e resiliência na diversificação de mercados, mesmo em um ambiente internacional marcado por elevada instabilidade. Ainda assim, é importante acompanhar a evolução do conflito e seus efeitos sobre a estabilidade da região, uma vez que estão em jogo não apenas mercados relevantes, mas também rotas estratégicas de transporte marítimo e o fluxo global de petróleo. Nesse contexto, a capacidade de adaptação a eventuais rupturas logísticas será determinante para mitigar riscos e preservar a competitividade do agronegócio brasileiro.

Publicação: 04 de março de 2026

Expediente

INSPER – Centro de Agronegócio Global

Coordenação Geral

Marcos Sawaya Jank

Pesquisadores

Gabriela Mota da Cruz

Renato Laffranchi Falcao

Tarcísio Azevedo

Bruno Capuzzi

Leandro Gilio*

Alberto Pfeifer

Gabriela dos Santos Veiga

Contato

*leandrog3@insper.edu.br / <https://agro.insper.edu.br/>

Apoiadores institucionais

